

Alex ou Xano(a): a importância do acento na seleção do hipocorístico

LURDES FERREIRA

Resumo O objetivo deste artigo é demonstrar a importância do acento e da estrutura silábica na seleção do hipocorístico. Assemelhando-se a formação de hipocorísticos à linguagem infantil, espera-se que mantenha duas das suas características: uma simplificação da estrutura silábica e a preservação do acento. O nosso estudo mostra que, embora as duas características nomeadas sejam importantes, há outros fatores a influenciar a seleção de um hipocorístico.

Introdução

De acordo com Mattoso Câmara Júnior (2007: 172), um hipocorístico consiste na alteração de um nome próprio para designar, de forma carinhosa, um indivíduo no meio familiar. Um hipocorístico não é, pois, uma mera substituição arbitrária, mas resulta de deformações que se devem, em grande parte, ao sistema rudimentar das crianças que aprendem a falar e submete-se a princípios fonéticos mais ou menos regulares (Boyd-Bowman, 1955: 337-8). A hipocorização surge pois como “um encurtamento com função afetiva na língua” (Thami da Silva, 2008: 28), marcado pela restrição de palavra mínima (Gonçalves, 2004).

Alguns autores entendem que a formação de hipocorísticos deve ser analisada como um processo de truncação, o que implica a existência de uma relação de identidade entre o nome e o termo criado, preservando-se o mínimo de correspondência possível entre as duas formas (Martini, 2010:30).

Tratando-se de um tratamento de carácter afetivo, a formação de hipocorísticos assemelha-se à linguagem infantil, observando-se uma simplificação das formas que são, maioritariamente, constituídas por sílabas CV e pés dissilábicos com cabeça à esquerda (Gonçalves, 2004:31).

Para PE, no entanto, existem poucos estudos. Pereira (2013) define hipocorização como um processo de redução que assenta em princípios de natureza fonológica, sublinhando a existência de uma grande variedade de padrões de redução. De acordo com a mesma autora, os hipocorísticos respeitam as regras de acentuação da língua: formas com índice temático são paroxítonas e formas constituídas apenas pelo radical são oxítonas. Além disso, as formas resultantes apresentam uma ou duas sílabas, sendo que as monossilábicas resultam da seleção da sílaba tónica e apresentam estrutura CV.

Selecionamos, para este trabalho, dois padrões de truncção na formação de hipocorísticos: os que resultam do apagamento do material linguístico da margem esquerda (como *Bela*); as formas resultantes do apagamento do material linguístico da margem direita (como *Alex*).

Começaremos por apresentar a estrutura destes dois tipos de truncção no processo de produção de hipocorísticos (Sempere, 2006:8), que designamos por hipocorísticos de Tipo 1 e de Tipo 2:

| Tipo 1 | | Tipo 2 | |
|----------|-------------|-------------|--|
| Base | [... σ σ] | [σ σ ...] | |
| | | | |
| Truncado | σ σ | σ σ | |
| Base | al ba no | fi lo me na | |
| | | | |
| Truncado | ba no | fi ló | |

Tabela 1 – Tipologia de hipocorísticos (adaptado de Sempere, 2006:8)

Os hipocorísticos de **tipo 1** resultam do apagamento de todos os segmentos que se encontram na margem esquerda do nome, preservando, na maioria dos casos, o pé métrico do nome de base. De acordo com Piñeros (2000), neste tipo de hipocorísticos, registam-se algumas alterações de segmentos fonológicos, que contribuem para uma simplificação da forma resultante (*Beto*, de Alberto; *Bilo* de Abílio).

Como podemos observar nos exemplos, o ponto de segmentação é a sílaba tónica, que passa a ser a sílaba tónica da palavra truncada. Podem ser dissilábicos ou monossilábicos de rima complexa (*Quel*, de Raquel), respeitando os requisitos de minimalidade.

No caso dos hipocorísticos de **tipo 2**, são apagados os segmentos da margem direita do nome, não se preservando, por norma, a sílaba acentuada, salvo no caso dos nomes de base serem proparoxítonos. Alguns destes hipocorísticos apresentam uma segmentação irregular, localizada entre o ataque e a rima da segunda ou terceira sílaba da base e que não respeitam a integridade silábica, como em *Alex, Carol, Cat, Frank, Fred, Greg, Max, Mel, Nic, Rod*. Pereira (2013:477) defende que se tratam de empréstimos e, como demonstramos no quadro, é fácil encontrar algumas destas formas em inglês.

Hipóteses

Neste estudo verificar a importância da manutenção do acento do nome de base na seleção do hipocorístico. A partir da literatura analisada, formulamos as seguintes hipóteses:

1. Sendo o acento um elemento essencial no processo de truncção, espera-se que os sujeitos selecionem os hipocorísticos que o preservem.
2. Atendendo a que o processo de hipocorização se apresenta como um processo de simplificação, a seleção dos sujeitos deve recair nos hipocorísticos que preservem uma estruturas mais comum.

Metodologia

Para testar estas hipóteses aplicamos um questionário, com uma lista com sete nomes – na sua variante masculina e feminina.

Material Linguístico

| Nome | Hipocorísticos | | | |
|---------------|----------------|-------|-------|----------|
| | Tipo 1 | Tipo2 | Outro | |
| Alberto(a) | Berto(a) | Al | | |
| | Beto(a) | | | |
| Alexandre (a) | Xandre(a) | Alex | | |
| | Xano(a) | | | |
| Daniel(a) | Niel(a) | Dani | | |
| Eduardo(a) | Duardo(a) | Edu | | Duda |
| Filipe(a) | Lipe(a) | | | Fifas |
| Francisco(a) | Cisco(a) | Fran | | |
| | Chico(a) | | | |
| Manuel(a) | Nelo(a) | Manu | | Manel(a) |

Tabela 2 – Material linguístico utilizado no Teste

Para cada nome proposto, apresentamos um hipocorístico de Tipo 1 e outro de Tipo 2, conforme se observa na tabela 2. O terceiro tipo aqui listado foi acrescentado por duas razões: para evitar a inclusão de formas que não respeitem a minimalidade e pela recorrência observada na fase de recolha.

População

Este teste foi aplicado a 100 indivíduos (50 do sexo masculino e 50 do sexo feminino), falantes nativos monolíngues e naturais da zona norte do país. A média etária é de 21 anos. Todos os indivíduos frequentavam, à data do teste, um curso superior ou tinham concluído o 12º ano e apresentam conhecimentos de, pelo menos, duas línguas estrangeiras. Participaram no estudo de forma voluntária e gratuita.

Procedimento

Os dados foram recolhidos junto da população entre 16 e 20 de agosto de 2020. O teste foi apresentado em formato de formulário e, para cada nome, era apenas possível selecionar um hipocorístico.

As respostas foram registadas em folhas Excel, para posterior tratamento estatístico.

Metodologia Estatística

Para cada par de nomes, apresentam-se dois ou três hipocorísticos. Começamos por realizar uma análise do desempenho dos sujeitos em cada teste, a fim de determinar a tendência do grupo. Nesse sentido, apresenta-se um quadro para cada teste com a percentagem e a média.

Em seguida, verificamos a existência de diferenças estatísticas entre os testes.

Resultados

Nesta secção apresentamos o desempenho dos sujeitos para cada par de nomes.

Começamos por apresentar uma tabela com os resultados para cada opção de hipocorístico.

As figuras assinalam o desempenho dos sujeitos em cada teste. As linhas horizontais delimitam o intervalo dos valores admissíveis para a proporção, ou seja, o intervalo entre zero e um. A linha tracejada indica o efeito aleatório¹.

As figuras representam intervalos de confiança (95%) sobre a proporção de sucesso nas respostas. Cada ponto assinalado representa a proporção de sujeitos da amostra que assinalaram a opção. O intervalo à volta representa um intervalo de valores possíveis para a mesma proporção, mas estimado para a população em estudo com 0,95 de confiança.

Em seguida, procedeu-se à **comparação** estatística das médias dos desempenhos por testes, efetuada através de um procedimento de comparações múltiplas e tendo em consideração o facto de a amostra ter sido recolhida com medições repetidas.

Assim, dois Intervalos de Confiança sobrepostos indicam semelhança nas médias do desempenho global dos pares de nomes.

¹ O valor aleatório corresponde às mesmas probabilidades de ocorrência de uma dada situação. Por exemplo, se atirmos uma moeda ao ar, o valor 0,50 corresponde a ter as mesmas probabilidades de ocorrer cara ou coroa.

1. Análise do desempenho do par Alberto e Alberta

Começemos por analisar o primeiro par de nomes – Alberto e Alberta.

| | | % | Média | Opção |
|---------|-------|----|-------|-------|
| Alberto | Al | 4 | 0,04 | Berto |
| | Berto | 61 | 0,61 | |
| | Beto | 35 | 0,35 | |
| Alberta | Al | 2 | 0,02 | Berta |
| | Berta | 66 | 0,66 | |
| | Beta | 32 | 0,32 | |

Tabela 3 – Percentagem e média para o par Alberto e Alberta

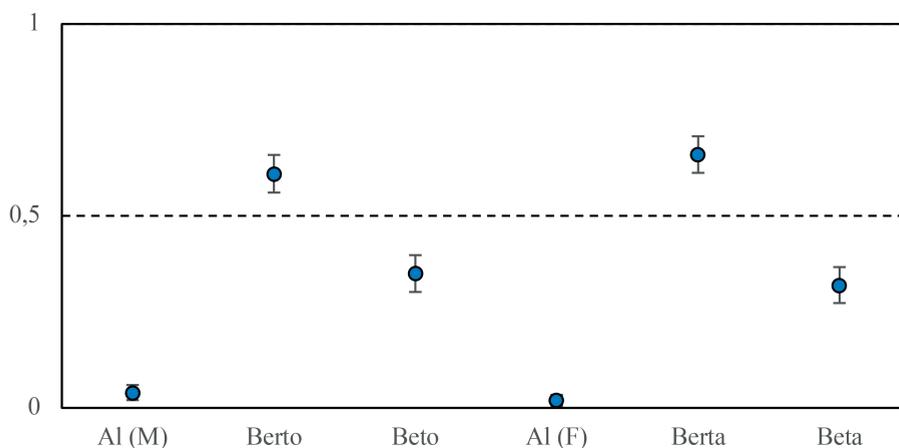


Figura 1 – Intervalos de Confiança para o par Alberto e Alberta

Pela observação dos resultados, verificamos a tendência para a seleção da forma hipocorística do tipo 1, uma vez que os ICs para os hipocorísticos Berto e Berta se encontra acima da linha dos 0,50. Em relação aos restantes hipocorísticos não é possível, em relação à amostra, determinar a sua preferência.

| Nome | Opção | Média | Erro padrão | Intervalo de Confiança | | Valor de $-p$ | Preservação de Acento |
|---------|-------|-------|-------------|------------------------|----------------|---------------|-----------------------|
| | | | | Valor inferior | Valor superior | | |
| Alberto | Al | 0,04 | 0,020 | 0,02 | 0,06 | 0,410 | NÃO |
| Alberta | Al | 0,02 | 0,014 | 0,006 | 0,034 | | |
| Alberto | Berto | 0,61 | 0,049 | 0,561 | 0,659 | 0,465 | SIM |
| Alberta | Berta | 0,66 | 0,048 | 0,612 | 0,708 | | |
| Alberto | Beto | 0,35 | 0,048 | 0,302 | 0,398 | 0,655 | SIM |
| Alberta | Beta | 0,32 | 0,047 | 0,273 | 0,367 | | |

Tabela 4 – Análise de resultados referentes ao par Alberto e Alberta

Ao compararmos o desempenho dos diferentes testes, verificamos que não se registam diferenças significativas entre os resultados para a variante masculina e feminina, dado que o valor de $-p$ é superior a 0,05.

2. Análise do desempenho do par Alexandre e Alexandra

Analisemos agora os resultados para o par Alexandre e Alexandra.

| | | % | Média | Opção |
|-----------|--------|----|-------|-------|
| Alexandre | Alex | 90 | 0,9 | Alex |
| | Xandre | 4 | 0,04 | |
| | Xano | 6 | 0,06 | |
| Alexandra | Alex | 8 | 0,08 | Xana |
| | Xandra | 1 | 0,01 | |
| | Xana | 91 | 0,91 | |

Tabela 5 – Percentagem e média para o par Alexandre e Alexandra

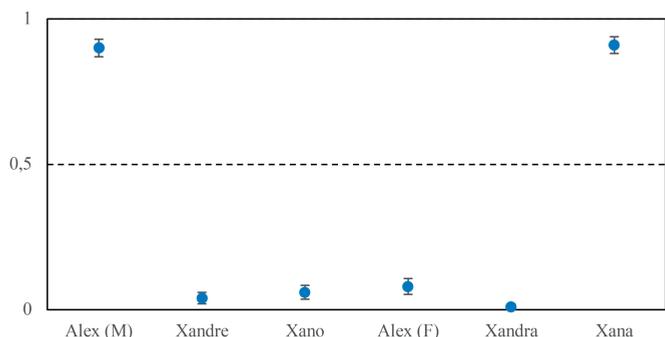


Figura 2 – Intervalos de Confiança para o par Alexandre e Alexandra

Pela observação dos resultados, verificamos a seleção de hipocorísticos de tipologia diferente: hipocorístico de tipo 2 para a variante masculina (Alex) e de tipo 1 para a variante feminina (Xana).

| Nome | Opção | Média | Erro padrão | Intervalo de Confiança | | Valor de -p | Preservação de Acento |
|-----------|--------|-------|-------------|------------------------|----------------|-------------|-----------------------|
| | | | | Valor inferior | Valor superior | | |
| Alexandre | Alex | 0,9 | 0,030 | 0,870 | 0,930 | *0,000 | NÃO |
| Alexandra | Alex | 0,08 | 0,027 | 0,053 | 0,107 | | |
| Alexandre | Xandre | 0,04 | 0,019 | 0,020 | 0,060 | 0,176 | SIM |
| Alexandra | Xandra | 0,01 | 0,01 | 0,000 | 0,020 | | |
| Alexandre | Xano | 0,06 | 0,028 | 0,084 | 0,084 | *0,000 | SIM |
| Alexandra | Xana | 0,91 | 0,023 | 0,939 | 0,939 | | |

Tabela 6- Análise de resultados referentes ao par Alexandre e Alexandra

Registam-se, assim, diferenças estatisticamente significativas nos hipocorísticos de tipo 1 e nos de tipo 2. Esses dados mostram, mais uma vez, que há diferenças entre os hipocorísticos selecionados para as duas variantes: a feminina e a masculina ($p = 0$). Os hipocorísticos do tipo 1, que preservam a forma do nome, não apresentam diferenças estatísticas entre a variante masculina e a feminina ($p = 0,176$).

3. Análise do desempenho do par Daniel e Daniela

Os resultados para o par Daniel e Daniela são inesperados.

Daniel / Daniela

| | | % | Média | Opção |
|---------|-------|-----|-------|-------|
| Daniel | Dani | 100 | 1 | Dani |
| | Niel | 0 | 0 | |
| Daniela | Dani | 97 | 0,97 | Dani |
| | Niela | 3 | 0,03 | |

Tabela 7 – Percentagem e média para o par Daniel e Daniela

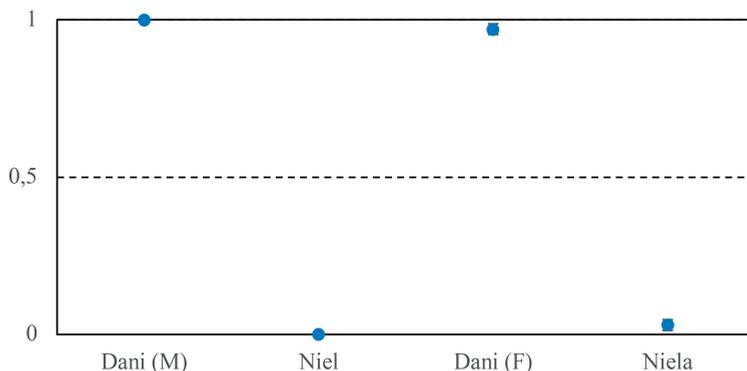


Figura 3- Intervalos de Confiança para o par Daniel e Daniela

A análise dos resultados mostra a tendência de tipo 2 para as duas variantes.

| Nome | Opção | Média | Erro padrão | Intervalo de Confiança | | Valor de $-p$ | Preservação de Acento |
|---------|-------|-------|-------------|------------------------|----------------|---------------|-----------------------|
| | | | | Valor inferior | Valor superior | | |
| Daniel | Dani | 1 | 0 | 1 | 1 | 0,083 | NÃO |
| Daniela | Dani | 0,97 | 0,017 | 0,953 | 0,987 | | |
| Daniel | Niel | 0 | 0 | 0 | 0 | 0,083 | SIM |
| Daniel | Niela | 0,03 | 0,017 | 0,013 | 0,047 | | |

Tabela 8 – Análise de resultados referentes ao par Daniel e Daniela

Além disso, não se registam diferenças significativas entre os resultados para a variante masculina e feminina, uma vez que o valor de $-p$ é superior a 0,05.

4. Análise do desempenho do par Eduardo e Eduarda

Este par apresenta um desempenho idêntico ao de Alexandre e Alexandra.

| | | % | Média | Opção |
|---------|--------|----|-------|-------|
| Eduardo | Edu | 99 | 0,99 | Edu |
| | Duardo | 0 | 0 | |
| | Duda | 1 | 0,01 | |
| Eduarda | Edu | 19 | 0,19 | Duda |
| | Duarda | 7 | 0,07 | |
| | Duda | 74 | 0,74 | |

Tabela 9 – Percentagem e média para o par Eduardo e Eduarda

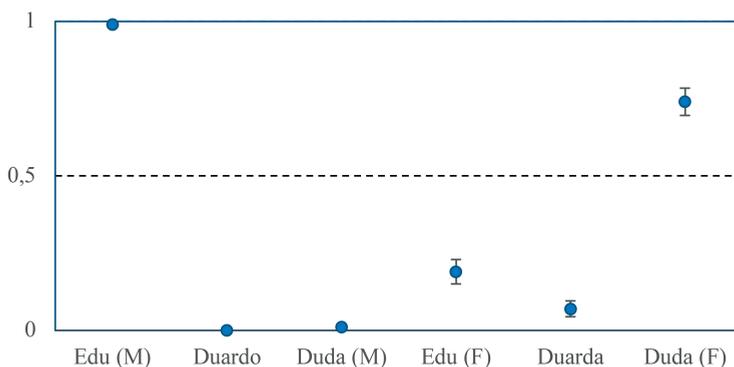


Figura 4 – Intervalos de Confiança para o par Eduardo e Eduarda

Tal como referido para o primeiro par, verificamos a seleção de hipocorísticos de tipologia diferente: hipocorístico de tipo 2 para a variante masculina (Edu) e de tipo 1 para a variante feminina (Duda).

| Nome | Opção | Média | Erro padrão | Intervalo de Confiança | | Valor de $-p$ | Preservação de Acento |
|---------|--------|-------|-------------|------------------------|----------------|---------------|-----------------------|
| | | | | Valor inferior | Valor superior | | |
| Eduardo | Edu | 0,99 | 0,01 | 0,98 | 1 | *0,000 | NÃO |
| Eduarda | Edu | 0,19 | 0,039 | 0,151 | 0,229 | | |
| Eduardo | Duardo | 0 | 0 | 0 | 0 | *0,008 | NÃO |
| Eduarda | Duarda | 0,07 | 0,025 | 0,044 | 0,096 | | |
| Eduardo | Duda | 0,01 | 0,01 | 0 | 0,020 | *0,000 | SIM |
| Eduarda | Duda | 0,74 | 0,044 | 0,696 | 0,784 | | |

Tabela 10- Análise de resultados referentes ao par Eduardo e Eduarda

Contrariamente ao que aconteceu com os outros pares, registam-se, aqui, diferenças estatisticamente significativas nos hipocorísticos de todas as tipologias ($p > 0,05$).

5. Análise do desempenho do par Filipe e Filipa

O quinto par em análise é Filipe e Filipa.

| | | % | Média | Opção |
|--------|-------|----|-------|-------|
| Filipe | Fifas | 14 | 0,14 | Lipe |
| | Lipe | 86 | 0,86 | |
| Filipa | Fifas | 11 | 0,11 | Lipa |
| | Lipa | 89 | 0,89 | |

Tabela 11 – Percentagem e média para o par Filipe e Filipa

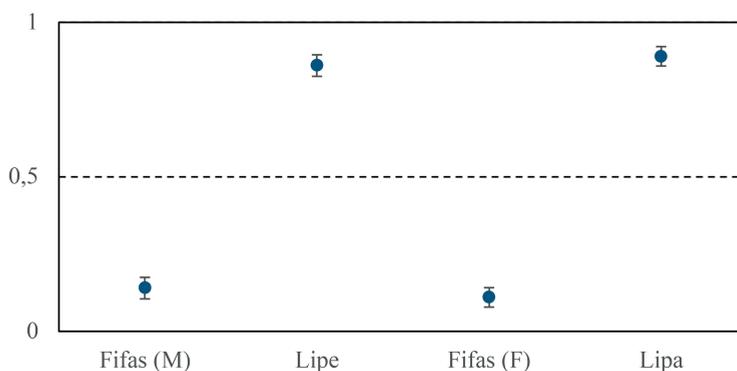


Figura 5 – Intervalos de Confiança para o par Filipe e Filipa

A análise dos resultados mostra a tendência de tipo 1 para as duas variantes (Lipe e Lipa).

| Nome | Opção | Média | Erro padrão | Intervalo de Confiança | | Valor de $-p$ | Preservação de Acento |
|--------|-------|-------|-------------|------------------------|----------------|---------------|-----------------------|
| | | | | Valor inferior | Valor superior | | |
| Filipe | Fifas | 0,14 | 0,034 | 0,105 | 0,175 | 0,524 | NÃO |
| Filipa | Fifas | 0,11 | 0,031 | 0,079 | 0,141 | | |
| Filipe | Lipe | 0,86 | 0,034 | 0,825 | 0,895 | 0,524 | SIM |
| Filipa | Lipa | 0,89 | 0,031 | 0,859 | 0,921 | | |

Tabela 12- Análise de resultados referentes ao par Filipe e Filipa

Pela observação dos resultados, constatamos que não se registam diferenças significativas entre os resultados para a variante masculina e feminina, dado que o valor de $-p$ é superior a 0,05.

6. Análise do desempenho do par Francisco e Francisca

O penúltimo par em análise é Francisco e Francisca.

| | | % | Média | Opção |
|-----------|-------|----|-------|-------|
| Francisco | Fran | 0 | 0 | Chico |
| | Cisco | 3 | 0,03 | |
| | Chico | 97 | 0,97 | |
| Francisca | Fran | 4 | 0,04 | Chica |
| | Cisca | 6 | 0,06 | |
| | Chica | 90 | 0,9 | |

Tabela 13 – Percentagem e média para o par Francisco e Francisca

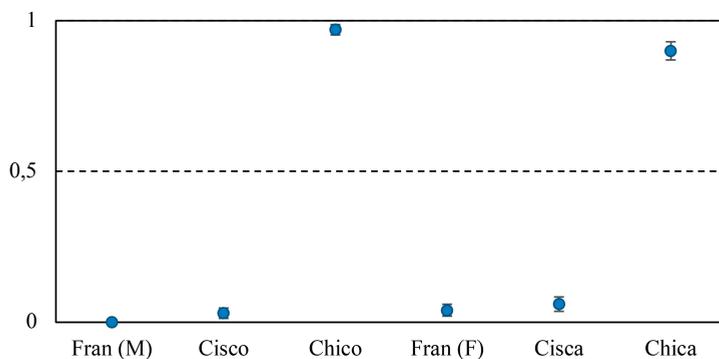


Figura 6 – Intervalos de Confiança para o par Francisco e Francisca

Pela observação dos resultados, verificamos a tendência para a seleção da forma hipocorística do tipo 1, com alterações fonológicas.

| Nome | Opção | Média | Erro padrão | Intervalo de Confiança | | Valor de -p | Preservação de Acento |
|-----------|-------|-------|-------------|------------------------|----------------|-------------|-----------------------|
| | | | | Valor inferior | Valor superior | | |
| Francisco | Fran | 0 | 0 | 0 | 0 | *0,045 | NÃO |
| Francisca | Fran | 0,04 | 0,019 | 0,020 | 0,060 | | |
| Francisco | Cisco | 0,03 | 0,017 | 0,013 | 0,047 | *0,045 | SIM |
| Francisca | Cisca | 0,06 | 0,023 | 0,036 | 0,084 | | |
| Francisco | Chico | 0,97 | 0,017 | 0,953 | 0,987 | 0,309 | SIM |
| Francisca | Chica | 0,9 | 0,030 | 0,870 | 0,930 | | |

Tabela 14 – Análise de resultados referentes ao par Francisco e Francisca

Verificamos ainda que não se registam diferenças estatísticas significativas entre a variante masculina e a feminina, para a forma selecionada ($p = 0,309$). No entanto, registam diferenças significativas entre os resultados para a variante masculina e feminina dos restantes hipocorísticos ($p = 0,045$).

7. Análise do desempenho do par Manuel e Manuela

O último par em análise é Manuel e Manuela.

| | | % | Média | Opção |
|---------|--------|----|-------|---------------|
| Manuel | Manu | 14 | 0,14 | Manel |
| | Manel | 77 | 0,77 | |
| | Nelo | 9 | 0,09 | |
| Manuela | Manu | 14 | 0,14 | Manela / Nela |
| | Manela | 45 | 0,45 | |
| | Nela | 41 | 0,41 | |

Tabela 15 – Percentagem e média para o par Manuel e Manuela

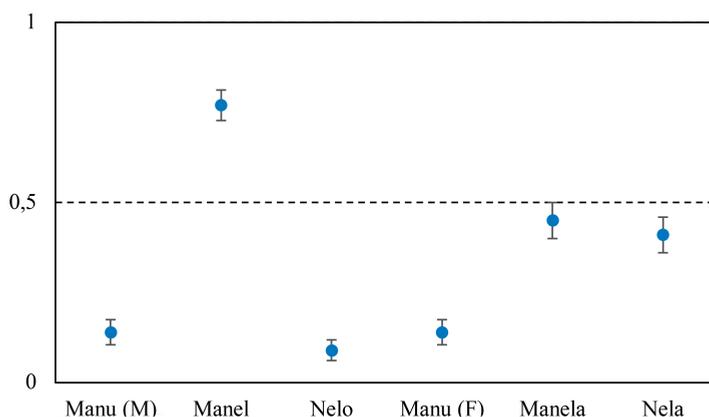


Figura 7 – Intervalos de Confiança para o par Manuel e Manuela

Pela observação dos resultados, verificamos a seleção de hipocorísticos de tipologia diferente: hipocorístico de tipo 1 para a variante feminina e de outro tipo para a variante masculina. No entanto, os resultados apenas permitem concluir a opção de outro tipo de hipocorístico para a variante masculina. Em relação aos restantes hipocorísticos não é possível concluir qualquer tendência, uma vez que todos os valores dos ICs se encontram abaixo da linha dos 0,50.

| Nome | Opção | Média | Erro padrão | Intervalo de Confiança | | Valor de -p | Preservação de Acento |
|---------|--------|-------|-------------|------------------------|----------------|-------------|-----------------------|
| | | | | Valor inferior | Valor superior | | |
| Manuel | Manu | 0,14 | 0,034 | 0,105 | 0,175 | 1 | NÃO |
| Manuela | Manu | 0,14 | 0,034 | 0,105 | 0,175 | | |
| Manuel | Manel | 0,77 | 0,042 | 0,728 | 0,812 | *0,000 | SIM |
| Manuela | Manela | 0,45 | 0,05 | 0,400 | 0,500 | | |
| Manuel | Nelo | 0,09 | 0,028 | 0,061 | 0,119 | *0,000 | SIM |
| Manuela | Nela | 0,41 | 0,049 | 0,361 | 0,459 | | |

Tabela 16 – Análise de resultados referentes ao par Manuel e Manuela

Registam-se, assim, diferenças estatisticamente significativas nos hipocorísticos das duas tipologias nomeadas, uma vez que o valor de -p é inferior a 0,05.

8. Síntese dos resultados

Em seguida, apresentamos uma síntese dos resultados para cada teste.

| Nome | Opção | Média | Erro padrão | Valor de -p | Preservação de Acento |
|-----------|---------------|-------------|--------------|-------------|-----------------------|
| Alberto | Berto | 0,61 | 0,049 | 0,465 | SIM |
| Alberta | Berta | 0,66 | 0,048 | | |
| Alexandre | Alex | 0,90 | 0,030 | 0,911 | NÃO |
| Alexandra | Xana | 0,91 | 0,029 | | SIM |
| Daniel | Dani | 1 | 0 | 0,083 | NÃO |
| Daniela | Dani | 0,97 | 0,017 | | |
| Eduardo | Edu | 0,99 | 0,01 | *0,000 | NÃO |
| Eduarda | Duda | 0,74 | 0,026 | | SIM |
| Filipe | Lipe | 0,86 | 0,035 | 0,524 | SIM |
| Filipa | Lipa | 0,89 | 0,031 | | |
| Francisco | Chico | 0,97 | 0,017 | *0,045 | SIM |
| Francisca | Chica | 0,90 | 0,030 | | |
| Manuel | Manel | 0,77 | 0,042 | *0,000 | SIM |
| Manuela | Manela / Nela | 0,45 / 0,41 | 0,05 / 0,049 | | |

Tabela 17 – Quadro geral de resultados

Discussão dos resultados

1. Número de sílabas

A partir de dados de várias línguas, Booij (2007:21) defende que os hipocorísticos são dissilábicos, sendo que a sílaba acentuada estabelece a fronteira da truncação. A forma resultante pode coincidir com o pé métrico ou não.

De acordo com Gonçalves (2004:31), a hipocorização assemelha-se à linguagem infantil, não ultrapassando, por isso, o limite das duas sílabas.

A maioria dos hipocorísticos propostos apresentam duas sílabas. A exceção é *Fran* como monossílabo, que apresenta um índice muito baixo, e *Manela* como trissílabo, que parece concorrer diretamente com a forma dissilábica *Nela*. O trissílabo *Manela* justifica-se, de acordo com Lipsky (1995:424), por o nome de base apresentar mais de três sílabas.

O número de sílabas *Niel* e *Niela* pode depender da velocidade de articulação das palavras: num registo rápido, pode ocorrer a realização de um ditongo crescente, apresentando os hipocorísticos duas sílabas; já num registo pausado, os dois segmentos podem ser interpretados como a realização de duas vogais, pertencentes a sílabas diferentes, ou seja, hipocorísticos com três sílabas. De acordo com alguns autores (Moutinho, 2000: 54; Freitas & Santos, 2001: 43; Freitas, Rodrigues, Costa & Castelo, 2012: 108-9), as vogais [u, i], em posição átona, apresentam duas realizações – uma como vogais e outra como glides – dependendo da velocidade da fala, conforme demonstramos na tabela 7.

O monossílabo *Fran* é um pé métrico, pois apresenta uma sílaba pesada.

2. Estrutura silábica

Gonçalves (2004:9) defende que as simplificações silábicas, como as que observamos na secção anterior, levam à superficialização de formas não-marcadas, facto que permite estabelecer uma relação entre a hipocorização e a linguagem infantil.

Essa simplicidade observa-se na seleção de estrutura silábica dominante, definida como a estrutura da palavra mínima – CVCV, uma tendência já observada por Lipski (1995:395) para os hipocorísticos espanhóis.

Apesar de se registar uma tendência generalizada para o preenchimento do ataque nos hipocorísticos, no teste, o desempenho de duas formas iniciadas por V foi surpreendente, nomeadamente *Alex* e *Edu*, para o sexo masculino.

3. *Acentuação*

Em relação à acentuação, os dados gerais mostram uma clara tendência para a formação de paroxítonos. No entanto, no teste, não podemos tirar essa conclusão uma vez que são selecionados oxítonos como *Alex, Edu, Dani, Manel*.

A maioria dos hipocorísticos selecionados preserva o acento da forma de base. Destacam-se aqui os hipocorísticos: *Alex, Edu, Dani*. Neste, podemos indicar a influência de outras línguas para justificar esta escolha.

4. *Pé Métrico*

Uma primeira análise dos resultados permite-nos constatar a existência de diferentes tipos de pés na produção de hipocorísticos. O mesmo ocorre na seleção dos hipocorísticos no teste.

Conclusão

O objetivo principal do nosso trabalho foi demonstrar a influência do acento na seleção dos hipocorísticos. Assim, era nossa convicção que, perante hipocorísticos de tipologia diferente, os falantes selecionariam aquele que preservassem o acento e apresentassem uma estrutura mais comum.

Neste artigo procuramos encontrar resposta para nossas hipóteses e que exporemos em seguida.

1. Sendo o acento um elemento essencial no processo de truncação, espera-se que os sujeitos selecionem os hipocorísticos que o preservem.

Relativamente à hipótese 1, podemos concluir que a maioria os sujeitos preferem hipocorísticos que preservem o acento da forma de base. Essa opção ocorre para as formas masculina e feminina do nome Alberto, Filipe e Francisco. Ocorre ainda nas formas femininas dos nomes Alexandra e Eduarda. Apesar de não serem selecionadas as formas do Tipo 1, os hipocorísticos selecionados para as formas masculina e feminina do nome Manuel.

2. Atendendo a que o processo de hipocorização se apresenta como um processo de simplificação, a seleção dos sujeitos deve recair nos hipocorísticos que preservem uma estruturas mais comum.

Também aqui podemos concluir que as opções dos sujeitos recaem nos hipocorísticos estruturalmente mais simples. Isso pode explicar a opção por hipocorísticos de Tipo 2 para as formas masculina e feminina do nome Daniel, onde a opção parece ter recaído na estrutura silábica mais simples.

Apesar da tendência demonstrada para a opção por hipocorísticos de estrutura mais simples e que preservem o acento, seria necessário um estudo mais aprofundado do tema.

Bibliografia

- BOOIJ, G. (2007) – *The Grammar of Word – An Introduction to Morphology*. New York: Oxford University Press.
- BOYD-BOWMAN, P. (1955) – “Como obra la fonetica infantil en la formacion de los hipocoristicos”. In: *Nueva Revista de Filologia Hispanica* 9, 337-66
- FREITAS, M. J., RODRIGUES, C., COSTA, T. & CASTELO, A. (2012) – *Os sons que estão dentro das palavras. Descrição e implicações para o ensino do Português como Língua Materna*. Lisboa: Colibri.
- FREITAS, M. J. & SANTOS, A. L. (2001) – *Contar (histórias de) sílabas, Descrição e implicações para o ensino do português como língua materna*. Lisboa: Colibri/APP.
- GONÇALVES, C. A. V. (2004) – “Processos morfológicos não-concatenativos: formato prosódico e latitude funcional”. In: *Alfa* (ILCSE/UNESP), Araraquara, v. 48, n. 2, pp. 30-66.
- GONÇALVES, C. A. V. (2004) – “A morfologia prosódica e o comportamento transderivacional da hipocorização no português brasileiro”. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v.12, n.1, jan./jun., pp.7-38
- GONÇALVES, C. A. (2004) – “Condições de minimalidade no molde da Hipocorização”. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 10-32.
- LIPSKY, J. (1995) – “Spanish hypocoristics: towards a unified prosodic analysis”. *Hispanic Linguistics* 6/7.
- MARTINI, L. D. (2010) – *Morfologia Prosódica no Português Brasileiro*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG.
- MATTOSO CAMARA JR, J. (2007) – *Dicionário de Linguística e Gramática referente à Língua Portuguesa*, 26ª ed., Petrópolis, Editora Vozes
- MOUTINHO, L. C. (2000) – *Uma introdução ao Estudo da Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.

- PEREIRA, M. I. P. (2013) – “Processos de construção não concatenativa”. In. Graça Rio-Torto et alii. *Gramática Derivacional do Português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 463-492
- PIÑEROS, C.-E. (2000) – “Foot-Sensitive Word Minimization in Spanish”, in *Probus*, Volume 12, Issue 2, pp. 291–324
- SEMPERE, A. G. (2006) – “(In)sensibilidad a la cantidad silábica en la prosodia portuguesa. Revista Virtual de Estudos da Linguagem”, in *ReVEL*. V. 4, n. 7. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].
- THAMI DA SILVA, H. – *Uma abordagem otimalista da Hipocorização com padrão de cópia à esquerda*. Dissertação [Mestrado em Letras (Letras Vernáculas)]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.